

Na época dos Tokugawa não se escreviam **monogatari**: este termo era aplicado apenas aos clássicos compostos entre o século IX e o século XV. Apesar disso, Akinari perfilha-o nos títulos de duas das suas recolhas de contos: no **Ugetsu-monogatari** (Contos da Chuva e da Lua) e no **Harusame-monogatari** (Contos das chuvas primaveris). Assim pretendia mostrar o regresso às fontes clássicas e a ruptura com o género dos **ukiyo-zôshi** e com as traduções, então muito em voga, dos romances chineses. O filólogo Akinari ia oferecer ao Akinari escritor o profundo conhecimento que tinha das antigas literaturas, permitindo-lhe encontrar nestas um estilo e um vocabulário próprios. Tais empreendimentos estão, no geral, votados ao insucesso; produzem, quando muito, imitações fastidiosas cuja perfeição é meramente formal.

Mas, antes de se entregar aos «pastiches» dos antigos, Akinari tinha já provado que era capaz, como qualquer outro, de fazer literatura como a que então estava na moda. Os seus primeiros contos merecem efectivamente um lugar de eleição entre os melhores **ukiyo-zôshi**. Assinava-os com o nome de Wayaku-Tarô, «Tarô, o tradutor», talvez por ter utilizado fontes chinesas, o que podia justificar a escolha do pseudónimo; mas, pelos vistos, sob o nome de Wayaku-tarô, deverá antes ler-se Aku-tarô, «o Farsante»: uma espécie de aviso ao leitor, para que não o tome muito a sério e para que não se embarace com as grandes liberdades que o autor utiliza na descrição dos modelos. Os muitos pseudónimos que posteriormente vai usar são igualmente instrutivos. O **Ugetsu** tem a assinatura de Zenshi Kijin, que significa quer «Enfermo dos dedos deformados», quer «Podador Extravagante», quer «Cortador dos Cabelos em quatro partes». Mais tarde preferirá Muchô Koji, «o Caranguejo», porque (dizia) «as pes-

soas andam em frente, mas eu ando de lado». Esta insistência em se mostrar original, em se singularizar, em insistir na futilidade do seu trabalho, é um convite para que o leitor veja nele o contrário de tudo isso. Só um leitor superficial pode deixar-se induzir em erro e distrair-se com estes trocadilhos. Na obra de Akinari há de facto um humor muito mais profundo, que se dirige contra algo mais do que os processos literários da sua época.

Nestas condições, o **Ugetsu** era, a seu ver, muito mais do que um simples exercício de estilo. Dava certamente grande importância a esta recolha de contos, já que andou oito anos a aperfeiçoá-los. É, de todas as suas obras, a mais aperfeiçoada. Devia por certo considerá-la um manifesto literário, um modelo para os que lhe viessem a suceder. E a lição não se perdeu: o **Ugetsu-monogatari** é, na literatura japonesa, o início de um novo género romanesco, o dos **yomibon**, «livros de leitura», que, no século XIX, será retomado por Bakin, sem porém ter alcançado a densidade do estilo de Akinari.

Para tal demonstrar, Akinari escolhe o conto fantástico. Porquê? Talvez por ser um género extremamente popular. O folclore e a literatura japonesa abundam em histórias de demónios, fantasmas, raposas, etc. São inúmeras as antologias existentes e ainda hoje se publicam. Depois do **nô**, que extrai deste género quatro quintos do seu repertório, o teatro **jôruri** e **kabuki** bebe os seus temas na narrativa fantástica. No século XVIII, principalmente, aparecem dezenas de livros de contos japoneses ou chineses, estes traduzidos ou cuidadosamente adaptados. Trata-se porém de histórias pouco hábeis, retomando indefinidamente os mesmos temas. Significa isto que estava por aparecer uma obra-prima. Essa obra-prima, foi Akinari quem a criou no seu **Ugetsu**. Na imensa documentação